

ROMANCE DO INJUSTIÇADO

Apparício Silva Rillo

Como talhado em pau ferro
o carão de traços duros.
O bigodão mal cuidado
desabando sobre os lábios
- par de assas mui cansadas
de um alvejão de cor negra.
Melena de muitos meses
sobrando por sobre a gola
e o colorado de um lenço
sangrando em riba do peito.

A bombacha de dois panos
remangada sobre a bota.
Os cravos da espora grande
mordendo a franja do pala
bem atirado pra trás.
No fivelão da guaiaca
luzindo em campo de prata
o ouro das iniciais.

Sobrando da faixa negra
que lhe abarcava a cintura
o cabo entalhado em chifre
da xerenga de dois palmos.
Um relho trança-de-oito
vinha arrastando a soiteira
dependurada do pulso
pelo tento do fiel.

Pela rédea o azulego
- se via que flor de flete -
malgrado a estampa judiada
de pingo que muito andou.
Foi assim que a muitos anos
bateu nas casas da estância
o celebrado bandido chamado
Estácio Ariju ...

Bandido para a justiça
- por seu respeito se explique,
que as razões de um índio
macho
nem sempre são bem aceitas
pelos códigos e leis ...

Bandido - por ter sangrado,
igual de raiva e de armas
a um cujo que desonrara
a mais moça das irmãs.

Bandido – porque apertado
entre as brigadas e a
enchente,
já não podendo escapar,
por debaixo da fumaça
matou um dos quatro praças
que lo quiseram carnear.

Bandido – porque seguido
por milicada sequiosa
de uma vingança total,
fugiu da estrada real
para o mais fundo dos matos,
carneando chibos alheios
para o churrasco sem sal.

Bandido – porque enleiado
na rudez da ignorância
fez da fuga e da distância
seu modo de mal viver.
Porque quis a sina ingrata
que nunca tivesse plata
pra pagar um bacharel.
Bandido – porque não teve
a exemplo de tanta gente
cancha livre e costas quentes
a sombra de um coronel ...

E assim, viveu como bicho
pelos fundões das fazendas,
a carregar a legenda
de perigoso e assassino.
Chimbo, bagual, teatino,
com famas de touro alçado,
tragando o duro guisado
que lhe picava o destino.

Nalgum bolicho de estrada
boleava a perna, sestroso,
pelos domingos de tarde
- para um cantil de cachaça,

meio quilo de bolacha,
mais um punhado de sal.

Olhava de olhos compridos
para o mais das prateleiras,
- pra o bom fumo amarelinho,
pros maços de palha buena,
para a erva de Palmeira
num saco sob o balcão.
Mas vinha curto o seu cobre,
mal e mal pras precisão,
o bolicheiro era pobre
e ele não era ladrão...

E a polícia no seu rastro
malgrado o tempo passado.
Perseguido e acuado
por plainos e socavões.
Sempre mudando de pouso
pra confundir os milicos,
que em manhas, sim, era rico,
por evidentes razões.

Cansou-se um dia afinal,
daquela vida de bicho,
daquele estranho cambicho
com as más volteadas da sorte
- de não ter rumo nem norte,
não ter descanso ou sosiego.

E assim bateu cá na Estância
naquele entono de taita
que manda parar a gaita
por ter cansado do baile!

E o patrão - velho buerana,
pediu o Estácio Ariju
que mandasse algum xiru
levar ao povo um recado:
- Que viesse o delegado,
que ele afinal resolvera,
ele o “bandido”, ele o
“maula”,
trocar o largo dos campos
pelo encolhido das jaulas.

Nas suas noites de insônia
entre um pelêgo e as estrela,
conseguiu convencer-se que,
sendo justa, a justiça,
lhe entenderia as razões,
e lhe daria, a lo muito,
poucos anos de condena
ou mesmo a absolvição.

Foi então que a meia tarde
num fordecão atochado
deu na estância o delegado
com quatro praças por quebra
para formar o sarilho.
Quatro fuzis embalados,
quatro dedos no gatilho.

Então Estácio Ariju
tomou seu último mate...
no mesmo entono de guapo
que era o seu jeito de sempre,
arrastou a espora grande
na direção dos milicos.

- Nem mais um passo !
- Gritou-lhe num gritinho de
falsete,
o delegado, um joguete
nas mãos do chefe local.
- Levante as mãos! Largue as
armas
- Teje preso, seu bandido
seu metedor de pendenga!

E o Ariju, decidido
a entregar-se sem briga,
levou a mão na barriga
pra descartar a xerenga ...

- Cuidado! Berrou um praça.

Tremoram cinco covardes
e na calma dessa tarde
berraram quatro fuzis.

Quatro sóis de fumo e sangue
se lhe acenderam no peito.

Foi desabando aos pouquitos
de frente para os milicos
no jeito de um velho angico
caído junto às macegas
que lhe invejavam o entono.

E já quase adormecendo
para o derradeiro sono
- Quatro vezes mal ferido -
teve ainda tino e ouvido
para escutar um dos cinco
que lhe gritava: - Bandido!

Caiu olhando pro céu,
tinto de sangue e de luz.

Dava-lhe o sol pela frente
como a incendiar-lhe a figura
- a mais rica das molduras
para enquadrar um valente.